

O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRECTORES E PROPRIETARIOS: --LYSTER FRANCO E JOÃO PEDRO DE SOUS

Administrador, — J. P. Sousa — Editor, — L. Franco

PUBLICA SEM A'S QUARTAS E SABADOS

Redacção, administração, composição e impressão

TIPOGRAFIA DEMOCRATICA, Rua 1.º de Dezembro — Faro

Endereço telegrafico

HERALDO — FARO

ASSINATURAS: -- Trimestre 500 réis

COMUNICADOS E ANUNCIOS

Cada linha 20 réis

(Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial)

Publicam-se todas as informações de interesse geral.
Não se restituem os originaes.

INSTRUÇÃO

«A Republica está feita, mas não se apresenta ainda sob o largo aspecto da sua alta superioridade politica.

Está feita, mas mal se esboça a sua acção reorganisadora, que terá de se fazer sentir em todos os ramos da vida nacional.

Será isso obra de largos anos.

Por agora, nos seus primeiros tempos, a Republica deve ser uma grande esperança para todos, um começo de novos processos de viver na familia, no municipio e no Estado; uma bem justificada aspiração por aquele bem estar politico e economico, que resulta de uma forte educação civica, de uma bela e inteligente organização de trabalho.

Nunca senti tão intensamente a grande verdade que estas palavras contem como quando, ha pouco, tive o prazer espirital de conversar com Santos Pousada, por ocasião da sua visita à *Escola Industrial Pedro Nunes*, acerca de assuntos de instrução.

E' que o criterio do illustre deputado, que é ao mesmo tempo um dos mais valiosos ornamentos do magisterio industrial, por completo se harmonizou com o meu pensar de sempre e com a minha orientação seguida através mil dificuldades.

—Divulguemos o ensino do desenho. Cultivemos a aptidão natural da criança,—dizia-me Santos Pousada, no decurso da conversação,—sigamos no assunto a orientação da natureza e teremos com maior facilidade atingido o fim desejado.

Que faz uma criança quando a mandamos à escola?

Quer garatujar, aspira a concretizar o seu pensamento por meio de traços de que, muitas vezes, só ella comprehende a significação. Para que contraria-la? Porque havemos de impedir que assim manifeste as suas impressões, obrigando-a a ler e a escrever, antes que, pela forma a mais rudimentar e ao mesmo tempo a mais artistica, ella consiga exprimir as suas idéas?

Porque não deligenciaremos ampliar a vocação da criança? Porque não auxiliaremos a sua *tendência natural*, tratando de aumentá-la e desenvolvê-la por meio do estudo do desenho?

Lá fora a uma criança que vae sentar-se pela primeira vez no banco de uma escola, consetem-lhe a liberdade de exprimir as suas impressões por meio do desenho, que a grande maioria dos pedagogos estrangeiros, rompendo com a velha rotina, de ha muito se habituou a considerar como a pedra basilar de um ensino racional.

Aqui, neste rincão á beira mar plantado, apesar de todos os esforços d'aqueles cujo espirito ama as fulgurações do progresso, o ensino estacionava n'uma perfeito e criminoso marasmo, assente ainda em velhas fórmulas que o proprio tempo se encarregou de aniquilar por contraproducentes e erroneas!

Grandes verdades encerram, não ha duvida, as palavras do meu illustre colega.

Apezar da opinião em contrario, seguida lá fora com tanto exito e que toma por base de toda a instrução o ensino racional e logico

do desenho, ministrado por professores competentes, em Portugal continua dominando a rotina e este importantissimo ramo do saber humano prossegue, por nosso mal, confiado na sua quasi totalidade a incompetentes, a *habildosos*, a individuos que, na sua maioria nem sequer sabem pegar n'um lapis!

Não acreditam? Julgam-me dominado pelo mais tenebroso pessimismo?

Inquirir-se do professorado primario, do liceal, do universitario e até mesmo do industrial, as noções que tem acerca do ensino do desenho como especial factor do progresso intelectual, veja-se como esta disciplina é lecionada por esses estabelecimentos do Estado e ficar-se-á admirado de que, nos tempos que vão correndo, e n'um paiz que quer progredir, seja ainda admittida e tolerada uma tão reaccionaria e disparatadissima forma de orientar o ensino.

E' lamentavel ter de acentuar tão grande atrazo mas a verdade impõe-se com toda a sua poderosa força. Por tudo isto, bem podemos dizer,—em que péze a Academias e Institutos, Escolas Industriais e outros estabelecimentos, que em Portugal ainda não se comprehendem o alto valor pedagogico do desenho, e que o seu ensino, em vez de ministrado por competentes, está, em maioria, confiado, por incuria dos poderes publicos, a curiosos, a habildosos e a *arrinistas*.

Criminosamente, os governos conservam-se estranhos a um tão momentoso assunto e ninguém ha que trate de remodelar a orientação do ensino baseando-o em fortes alicerces!

E' triste, muito triste e desalentador ter de registar este facto, quando no espirito de todos de ha muito existe o convencimento de que a Republica só poderá corresponder ás aspirações de quantos amam a Patria quando realmente conseguir firmar-se no pedestal sublime da instrução popular.

Nestes termos, bom seria que a instrução, como nos velhos tempos, não continuasse descambiando pelo despenhadeiro da mais perigosa rotina...

Lyster Franco.

CENTRO REPUBLICANO DEMOCRATICO DE LISBOA

Resultado da eleição dos corpos gerentes:

Assembleia, geral: Presidente, Antonio Xavier Correia Barreto; vice presidente, José Augusto de Simas Machado; 1.º secretario, Filomeno da Silveira Duarte de Almeida; 2.º secretario, Evaristo Luis das Neves Ferreira de Carvalho; 1.º vice-secretario, Abel de Sousa Sábrosa; 2.º vice-secretario, Adelino Fonseca.

Comissão politica: Henrique de Vilhena, Francisco da Cunha Rego Chaves, Afonso Augusto da Costa, Alfredo Ernesto de Sá Cardoso, Antonio Pinto de Carvalho Junior, Antonio França Borges, José Machado de Serpa, João Pereira Bastos e Vitorino Guimarães.

Comissão administrativa: Artur Augusto da Costa, Manuel Pereira Dias, Joaquim Pessoa, Pedro Bôto Machado e Daniel José Rodrigues.

Conselho fiscal: Alexandre Prazeres, Luis Godinho e Joaquim Marreiros.

ECOS E CONSIDERAÇÕES

ESTILO... SANFONA!

O *histrante* que oufite as vozes de seus ocos registando em lingua buada os seus devaneios e dores de alma.

E' uma mania como qualquer outra.

Kis o paço da amostra:

«Pois a hoste lourençoide, em concilio ecumenico reunida, nas varlas e apabeladas salas do pagu tipicopal da aoliga e augusta Braga, declara aos quatro vultos que na terra portugueza, aquen-tulos pelo sol portuqueza, sómcolo como republicanos identicos, veros, puros e genuinos existem os que comungam no credo e no dogmatismo da grei —e o sr. Bernardino, que para o outro mundo não vae nem á mão do Ex-histrante Tulo-Pole-roso, vem então cantar de nipo, que deveu ir ao polor os que querem a nido, sem se lembrar que os que agita querem a nido são os mesmos que provocadoramente, em presenca de alguns retratos de velhos portuguezes de uma só lei e de uma fé, escorregaram do gremio republicano toda a gento que a Sua Onipotencia não bojeu com fervorosa unção o pé sagrado e dominador.»

Em estilo *sanfona* não ha melhor.

FEMINISMO

Gentilissima como sempre, diz a *Republica*:

«No Senado hespanhol está-se discutindo mi-nuciosamente o trabalho noturno da mulher. Aqui está um assunto que em Portugal ainda ninguém se lembra que devesse ser discutido.»

Nem a propria *Republica*, que tem ás vezes lembranças que parecem mesmo esquecimentos! Do resto, um tal assunto parece-nos escabroso a valer...

COMENTARIO

Dois foguetes a supracitada *Republica* porque o dr. Afonso Costa declarou na noma dos *histrantes* ser um *idiot* quem dissesse ser *histrante* a lei da *Separção* e, assim como quem não quer a coisa, vae insinuando que chegou a haver quem *interpretasse* estas palavras como uma censura nos seus *correligionarios* que na imprensa, em concilios e nas reuniões dos centros politicos se fartavam de *bernar* em todos os tons que ella era *histrante*!

Que engano ledo e cego o da *Republica*! Como se toda a gento não soubesse que *histrante*, *perleita* e *caracterisadamente* *histrante*, nas suas palavras e obras... só Santo Antonio José de Almeida o a sua *caudida Republica*!

SENTIMENTALISMO

Recordamos do um interessante artigo do nosso conceituado colega o *Diário de Noticias*, esta passagem semi-lirica:

«Apezar d'esta nnda do egoismo que parece avassalar tudo e d'esta aparente indifferença glacial com que, ao parecer, olhamos todas as coisas, a sociedade portugueza conserva intactas as suas virtudes e a aquellas delicadezas da alma que sempre a distinguiram.

Conservam-se, se é que as não aumentou, mais depuradas, mais refinadas.»

Tal qual, mas... ao contrario. Se não fosse a habitual seriedade do *Noticias*, suporíamos que está a mangar com a tropa.

Lancemos uma vista de olhos para a expansão enorme que alingu, nos jornaes politicos, a ca-lifinaria oñensiva e deprimido e leremos a prova palpavel e frizante de quanto *temu aumentado* e *refinado* os *lars virtudes* o *delicadezas* de alma que o *Noticias* se obstina a ver na sociedade portugueza.

E' cada *refinação* que até parecem duas!

O PALEIO PARLAMENTAR

Do *Seculo*, nas suas razões de queixa contra o parlamento:

«Alguns legisladores, que fizeram d'isso *modo de vida*, com outros que supõem que, tudo ha de sacrificar-se ás suas paixões partidarias, mostraram-se ferozissimos com os reparos, mais que justos, que jornaes e corporações, que aliás não carecem d'elles, diariamente fazem á sua attitud, contraria aos superiores interesses da Republica o do paiz.»

Parece-nos sobremaneira injusta a attitud do *Seculo*, especialmente para com o sr. Faustino da Fonseca e quejadosos vultos seniltoaes.

O verdadeiro, o genuino, o superlino talento deve merecer mais respeito a toda a gente.

O QUE É SER GRANDE

A França está sendo teatro de coisas muito li-das, não ha duvida. E' vor a maneira como a sua policia, em Nogent-sur-Marne, conseguiu apoderar-se dos bandidos Garnier e Vallet. Estando eles refugiados n'uma casa, os silitaos, que oram um numero excedente a mil, encerram-se de coragem,

porante a força invencível de dois homens, e, arrastados por essa coragem e pelo sentimento da sua humanidade, resolveram... destruir a casa por meio de dinamite!

Assim o quiseram e assim se fez. Que lindos processos em França!

So fozemos nós quem tal lizeza, ardia Troia. E não fallaria quem se lembrasse de nos expro-priar, dando como prelexto a razão de sermos o povo mais selvagem do mundo!

OUTRA OCEÇÃO

Mais 350 espingardas e 25.000 cartuchos que os impagavos conspiradores queriam receber em terras da Galiza, e que vinham disfarçadas em rolos ou fardos de papel! Até a gonio pasma de tanta ousadia e de tanta paivoice. Pois não será tempo d'esses criminosos paravilhos se conven-cerem de que as suas loucidades servem de gaudio no mundo inteiro?

O GENERALATO

Parece que o parlamento lenciona aprovar um projecto de lei extinguindo os generaes, o que trará uma economia annual do 10 ao 12 contos de réis:

O meu amor é soldado
Anda sempre a batalhar
Mas não chega a general
Porque estes vão acabar...

MANIA DE CREAÇAS

O Manuelito, esse a quem os portuguezes cor-reram do trono, esteve ha dias em Pooleveira, junto de varios dos seus admiradores, dos laes que perlorem ás hostes sandangas.

Assistiu a uma recita no teatro Circo, e na al-tura em que um oquestra engraçadora executou o hino da carla, etc, o desditoso, o ineluz, não se conlova. Perilou-se, fez a continência o os da sua escolta correram a lunt-lo.

Pobro Manuelito! Pobres creaturas! Com mais duas *vezadas* egnaos a essa, estes senhores do trono.

MANIFESTAÇÕES MONARQUICAS

Em Pueblo Sordo, povoação da Galiza, travou-se nova desordem entre os concetistas o os hespanhoes. Houve insultos, navalhadas, litras, o diabo a quatro.

Já rucedu isto por diferentes vezes e, apezar de tudo, a Hespanha, a nação antiga, a tal que proclamava a nido iberica, ainda não quiz tirar a conclusão de que os bandidos portuguezes, errantes na Galiza, constituem uma quadrilha de malfiteiros. E tudo isto por causa do meu duzia de *perlas gordas* que sempre vão pingando nas tabernas, boléas, ostancoas, etc, á custa dos mer-cedeiros do Brazil.

A Galiza e um teatro de desordons e de come-dias burlescas, mas... eucho-se de diabolico. E é quanto basta. A amizade dos *nostros herma-nos* o o direito internacional... são tretas. Di-nheiro, diuheiro... viva la gracia.

SEMPRE MORRES?

Ha um mez que o notavel oseritor Joaquim Ma-dureira so despezin de reletor principal do *histrante*, e o mesmo *histrante* só agora se lembrou do committir este acollecimento aos seus lillures. Entrclanto foi-lhe conservando o nome do alio da pagina, a ver se pegavam as modas. Mas u sr. Joaquim Madureira foi inabalaval: resolveu sair, saiu.

Com este facto ficou desgraçado o coxo o *histrante* em, melhor, ficaram desgraçados o coxos os *independentes*.

Deixou o joro d' ser *independente*, porque lhe falta o *ira*, que é a parte principal, e tornou-se *dependente* de... quem escreva. Ao que pa-rece, é um jornal *pendente* por um fio e porlan-to... qualquer dia lhe cantaremos o *requiescat*.

NOVO CENTRO REPUBLICANO DEMOCRATICO

Teve logar ha dias a inaugura-ção do «Centro Republicano Demo-cratico» de Oliveira de Frades. Para este acto, que revestiu a maior imponencia, foram convida-dos diferentes parlamentares, entre eles os drs. Barbosa de M. galhães e Bernardo Paes. A sessão estive-ram presentes algumas senhoras republicanas, uma das quaes secre-tariou a mesa. Fizeram se discurs-os cheios de vida e de fé patrio-tica, sendo os oradores freneticamente ovacionados. Ao terminar a brilhante festa, o povo, em numero talvez superior a duas mil pessoas, acompanhou até fora da vila os simpaticos parlamentares, levantan-do-se repetidos vivas ao partido democratico, ao dr. Afonso Costa, ao coronel Barreto, ao dr. Teófilo Braga e a outros vultos proeminentes da Democracia portugueza.

INTERESSES DO ALGARVE

OS AZEITES

11

E' conhecida de todos os olcote-cnicos, como percentagem modelar ou tipo dos azeites, a chamada de *Mingioti*, ou sejam 0,04 por cento de acidez. Por virtude do nosso criminoso atrazo, os azeites portu-guezes, bem que olhados ultima-mente com o carinho devido, ainda não aingem aquella cifra, mas apro-ximam-se d'ela em muitos pontos do paiz. Os azeites que mais se distinguem n'esse sentido são os de S. João da Pesqueira e Nelas (Vizeu), Santarem, Galegã e Car-taxo (Santarem), Mirandela (Bra-gança), Penamacôr e Castelo Bran-co (Castelo Branco), Elvas (Porta-legre), Moura e Serpa (Beja), onde pelo esmero do fabrico por alguns agricul-tores adotado, não chega a atingir 1 grau de acidez. Do Algar-ve, referem as estatisticas um ou outro exemplar aceitavel e dentro da lei. O maior numero, que não é grande, como dissemos, tão só devido á natural ignorancia do ex-positor, apresenta-se com uma aci-dez que excede todos os limites do razoavel, da lei (que é bastante lati-tudinaria, pois está demonstrado que devia ser de 1º,66 e não de 5º) e até da desvergonha.

O azeite de Olhão e Tavira, que é dos peores do mundo, chega ao extremo, indo desde 10 até 27 graus!!! Chega a aingir uma aci-dez que ultrapassa 675 vezes á acidez tipol!!! E note-se que é isto com os azeites submetidos á ana-lise, o que leva a supôr-se, como deve realmente ser verdade, que ha por cá azeites muito peores. Pa-rece incrível, mas é profunda e tris-temente um facto!

E um azeite d'esta ordem é pos-to no mercado pelo oleicultor, que não cõra de vergonha; é aceito pelo consumidor, que não protesta, e é consentido pelo governo, que tal-vez por sua maxima ignorancia não envida os seus esforços para nos fazer sair d'esta triste situação. Bem sabemos que, na melhoria do genero, muito se resentiria o con-sumidor, cujo paladar está desde tempos imemoriaes embotado, mas supõmos, com convicção o dizer-mos, que o seu protesto se não faria ouvir, tal a conveniencia que para o seu estomago d'ai adviria.

Mas, discretando assim, faremos a pergunta: será viavel a redução ao minimo de acidez do nosso azei-te? Não será essa acidez uma resul-tante do nosso terreno e do nosso clima, que de forma alguma o ho-mem pode modificar? Não será esta aspiração um fruto apenas da nos-sa boa vontade? Não constituirá tudo isto, em ultima analise, um pretexto para entretermos o leitor já tão aborrecido de catilinarias e intrigas? Nada d'isso se dá. O de-feito maximo da acidez dos azeites algarvios está nos antigos e quasi primitivos processos oleotecnicos aqui usados.

E' como se vê um defeito capaz ou suscetivel de grandemente se corrigir. E convem corrigi-lo, não só para tornar o azeite menos aci-do, mas tambem mais puro, mais limpo e clarificado e de melhor pa-ladar. E' vulgar não se atender no Algarve ao facto da colheita da azeitona ser temporã ou tardia.

Mais raro ainda é o encontrar-se um oleicultor que mande seleccionar a azeitona. Quer a sã, quer a gada (atacada pelo *Dacus oleae* ou *mosca da oliveira*) tudo se junta no mesmo depósito. São enormes e sem que despertem atenção as fermentações do entulhamento, maiores aqui pela acção dos grandes calores. E depois de tudo isto, ainda a má fabricação, propriamente dita: 1.º má moenda (dependente da defeituosa trituração da sua duração e do tipo do moinho); 2.º escaldão (que para o azeite fino deve ser banido); 3.º junção de todas as expremeduras n'um só azeite (sabe-se hoje que o azeite resultante das mais fortes pressões é mais ácido).

E para provar que assim deve ser e é de facto, basta ter presente que, devido á persistente propaganda n'este sentido orientada em muitos pontos do paiz, o azeite aí deixou de ter uma acidez extraordinariamente grande, para descer ao mínimo, logo que se adoptaram os mais modernos processos de fabricar azeite.

O que simplesmente quer dizer que a acidez livre dos azeites, expressa em acido oleico, está na razão inversa da arte e na razão directa da ignorancia e do desleixo, para não dizermos da malvadez. E' bem certo que se houvesse boa vontade, ainda assim todo este grande defeito se corrigiria. Apon-tá-lo-emos, por incidente e para ensinamento, que não por supomos atingida a curiosidade de qualquer dos nossos oleicultores.

Consieste esse correctivo na neutralisação química do acido no proprio azeite, neutralisação que se pode levar a effeito, batendo o azeite com um soluto concentrado de carbonato neutro de sódio, repousando e decantando. Em vez do carbonato pode empregar-se a sôda caustica (Processo de Dugart).

Para isso basta ter presente que por cada grau e para mil grammas de azeite, se emprega 1 grama e 42 centigrammas de sôda.

Taça do amor

Possue amor uma taça.
Onde almo prazêr jocundo
Transborda. cheio de graça!
Mas logo d'aí se passa
As fezes da dôr, no fundo.

Assim, quem pode beber
Na taça ardente do amor,
Sabe o que deve fazer?
Beba somente o prazer,
Não chegue aos lábios a dôr.

F. E.

SANTOS POUSADA

D'este illustre deputado recebemos uma carta que será publicada no proximo numero.

OS CONSPIRADORES

O governo portuguez teve conhecimento official de que n'uma feira realisada no ultimo domingo em Pueblo Sordo, perto de Orense, na Galiza, houve graves desordens entre os hespanhoes e os conspiradores monarchicos portuguezes.

Houve muitos tiros.
O povo, amotinado, assaltou as casas dos conspiradores, expulsando-os da localidade.

A feira terminou em virtude da gravidade da desordem.

O deputado republicano Azcarrate protestou energicamente na camera dos deputados contra a fórma como as autoridades hespanholas procedem para com os emigrados portuguezes, conspiradores, consentindo-os na fronteira.

Contrabando de armas

O contrabando de armas para os conspiradores portuguezes e que o vapor Cabonã trazia a bordo disfarçado em rolos de papel, compunha-se de 350 carabinas e 25.000 cartuchos.

Foram os republicanos da Corunha que denunciaram o contrabando, do que tinham sido avisados pelos socialistas de Hamburgo.

Dois monarchicos portuguezes de importancia, que recentemente haviam chegado á Corunha, desapareceram de subito, após a descoberta do contrabando.

CONTOS E NOVELAS

Rozas e urtigas

Junto d'um lago tranquilo, onde um gracioso repuxo jorrava, a macular a pureza eterea do azul, d'uma cernuopia sustida por uma Ceres de marmore, baloiçava-se uma rozeira.

Era, linda muito linda; as suas rozas vermelhas, humidas de orvalho, evocavam pelo colorido e frescor immaculadas bocas infantis.

Junto da rozeira crescera, oculta sob o manto verde negro da sua folhagem, uma planta nociva, feia; uma repelente urtiga.

E, inclinadas sobre a feia urtiga, as lindas rozas pareciam olhalla altivamente... escarninhamente...

Por isso, nas manhãs primaveris, quando o orvalho palpitava nas dobras purpurinas das pétalas das rozas, em cintilações deslumbrantes, enchiam-se de desesperada inveja as flores raquíticas da urtiga... e lamentavam-se.

Para que as fizera a Natureza assim tão feias... Tão repelentes... para que lhes adornára as hastes e as folhas de pelos fistulosos e picantes, sempre prontos a segregarem um corrosivo ardente?

Para as outras flores fora Ella prodiga! Dera-lhes inimitáveis coloridos tirados da sua variegada e opulentissima paleta, concederalhes graça e fragancia, e por isso ellas deliciavam quantos olhos as viam e passavam a sua existencia perfumando o ar com seus aromas...

Elas, as tristes flores raquíticas da urtiga, davam apenas dores vivas a quem tentava colhe-las e causavam flictenas a quem por acaso lhes tocasse!

E vinha-lhes um desespero imenso de terem nascido ali, junto de tantas e tão lindas flores, e perto d'aquella soberba rozeira cujas rozas pareciam, ao olha-las,—a ellas, raquíticas flores da urtiga, dizer escarninhamente:

—Planta daninha e inutil, quando nos livrará a mão cuidadosa do jardineiro da tua hedionda presença?

E as flores da urtiga choravam de desespero e sentiam uma profunda magua quando, cantando n'um alegre zumbido alguma incompreendida canção, algum insecto de elitros de ouro vinha librar o mel dulcissimo na esplendida corola das rozas...

N'um amanhecer triste de inverno, as flores raquíticas da urtiga, quando despertaram, não viram, como, nas outras manhãs, pendentes da graciosa rozeira as rúbricas e lindas rozas que tanta inveja lhes causavam pela sua lindeza...

Olharam a rozeira a que tinham votado um odio mortal e viram-na triste, muito triste, como que a lamentar o triste fim das suas filhas...

Lá longe, muito longe, pelas quebradas da serra retiniu o som plangente d'um dobre a finados, vibrado pelo sino triste do palácio e, pouco depois, pela rua ampla do jardim, um funebre cortejo começou passando, imponente na sua simplicidade.

E as flores da urtiga, atentas n'aquelle espectáculo, ouviram que era morta a filha do seu senhor—uma donzela muito linda e que inumeras vezes tinham visto, á hora em que o lago tinha cintilações de prata fundida, passar ali, junto d'ellas...

Um som cavo e pesado de passos denunciou a passagem do prestito.

Lá ia, toda coberta de rozas, dormir no rico mausoleu da sua nobre familia, a linda e defunta fidalga...

E havia lagrimas nos olhos dos que a levavam no seu ultimo leito. Lá longe, plangentemente, tristemente, os sinos tangiam mais forte.

O enterro passou vagaroso, triste, e as flores da urtiga, muito comovidas, ouviram este pranto da

rozeira, lamentando as suas lindas rozas:

—Minhas queridas filhas, meu legitimo orgulho! Para que vos faria a Natureza tão belas, tão lindas e tão mimosas se havia de condenar-vos a ir morrer cheias de vida junto da carne putrescente?

Para que vos faria Ella tão graciosas se haviéis de ir adornar, em premio da vossa graça, uma fronte cadaverica, rigida e cheia de livros?

Assim se pranteava a rozeira.

No seu recanto obscuro, as flores raquíticas da urtiga, renderam então graças á Natureza pela fealdade com que as dotára...

Karl.

CAZETILHA

Aos padros que contribuírem com a soma de 36200 réis, permite-lhes Pro X que usem a barba crescida.

Dos jornaes.

Nos dias que vão correndo,
Ila tão grandes fantochadas,
Que ninguem, por mais sisudo,
Deixa de rir a bom rir,
Em ruidosas gargalhadas.

Até aqui essa espiga
Que, por bonitas maoeiras,
Era a bula da cruzada,
Permitia aos huus cristãos
Comer carne ás sextas feiras.

Baslavam só dois vintens,
Em troca da tal cantiga,
Para a vitela e o vesnaga,
O carneiro e o carapau,
Se darem bem ua barriga.

Pois agora, o santo Padre,
Piu dez, o pisa flores,
Lembram-se d'ontra mais loda:
Por trinta e dois tostantos,
Permite a barba aos priores!

Fio de Linho.

Assuntos militares

Vão longe os tempos em que as castas mais abastadas dos povos constituíam o núcleo da direcção e destino das suas nações, vai longe a época em que a raça morgadia, de chicote em punho e mando resolutivo e autoritário, monopolisava em seu proveito, e em detrimento dos proletrários, os direitos sagrados da existencia e economia das familias.

Passadas por diferentes fazes e destrinchadas com cuidado, vieram essas regalias modificando-se conforme o espirito e época do seu tempo, até que chegaram — atenuadissimas é verdade — ao estado ainda não correspondente ás modificações sociais, em que no apogeu do século das luzes, as vimos atraíçoar a verdadeira marcha do progresso.

Este mal que todos nós sentiamos, este erro que todos nós alimentávamos, esta incongruencia que não harmonisávamos, arrastou-nos ao estado deploradissimo de só as classes pobres, de só as familias desprotegidas, contribuindo, no todo, com o quinhão incomensuravel do dever sagrado da defesa da Patria.

Além das dedicações voluntarias dos seus graduados desde o menor até ao maior grau, a Nação armada só tinha, por seu lado, esses receiosos sacrificados ao dever para manter integro e consolidado o torrão que nos foi berço, a nossa querida Patria.

Foi assim n'este estado miserando das doutrinas igualitárias, progressivas e ordenadas,—que desde ha muito eram a ambição dos povos,—que a revolução de 5 de outubro encontrou este Paiz mal orientado, que foi grande como nenhum outro, que ditou leis ao mundo, que traçou os caminhos da opulencia e que plantou a sua Bandeira em toda a parte onde existe terra, como árvore frondosa de que se colhião os frutos mais belos e mais apreciados.

Foi assim, infelizmente, que ella viu quanto de degradante era para

nós o conceito em que nos tinham as nações que outrora ensinamos e guiámos; foi assim que todos vimos a ameaça de desaparecemos do mapa como nação independente, como não ha muitos anos lemos que em Londres, num congresso de hygiene escolar, foi Portugal Continental tratado como provincia hispânica... E' triste, mas é um facto!! Deixemos esta miseranda prova de ambição e de ingratidão e passemos á amabilidade do convite, á qual, infelizmente, não podemos cabalmente corresponder por nos escassearem os dotes de escritor e os conhecimentos necessários e precisos para podermos, com fundamentos sólidos,—opinar sobre os prós e contras das diferentes leis e regulamentos militares, que sob o governo republicano tem sido publicados.

De todas essas leis e regulamentos do mais alto valor de igualdade, justiça, progresso e humanidade, uma ha que pela sua especial função a todas as demais se sobrepõe e se destaca: Referimo nos á lei do recrutamento.

Se um exercito vale tanto quanto o preço dos seus regulamentos, não nos resta duvida de que muito vem a valer o nosso, quando todo elle for recrutado pela nova lei.

Demora, é certo, vai levar muito tempo ainda o sentirmos o beneficio completo de tão rasgada como liberal determinação; mas não nos resta duvida que essa demora será suprida pela aceitação que teve á sua publicação.

E para ajuizarmos desde já de como ella será cumprida, de como ella fortalecerá no animo de todo o cidadão, basta lembrarmos nos de que sendo ella tão profundamente diferente da que existia, criando ella uma maneira tão completamente diversa da que revogou, no tocante ao cumprimento sagrado da defesa da Patria,—não vimos ainda até hoje um artigo que a combatesse, não assistimos ainda a nenhum pranto pela obrigatoriedade.

E era para temer, dizêmo lo sem reboço, porque estávamos num regime de recrutamento militar em que as alágimas tinham sido incluídas na tabela das isenções, em que a riqueza se aliava ao poder politico para, de mãos dadas, se introduziem na mesma tabela.

Restavam os desprotegidos, esses trabalhadores que, vindo servir, abandonavam os campos, sofrendo com isso a economia do paiz; e os «meio remediados» que, não podendo ter ingresso nos asteriscos da tabela das isenções, lançavam mão da «remissão» como meio pratico de fugir ao serviço militar e de aumentar, em proveito d'aqueles mesmos ricos, os encargos de vida do seu património.

Belo e unico povo o nosso!

Compennetrado do dever de acatamento a novas leis, elle, que passou dum momento para outro, duma para outra forma radicalmente diferente de governo, aceita com carinho, com abnegação, tudo quanto em tão pouco tempo se tem operado e, com aquêl amor pátrio dos seus antepassados, de olhos fitos na ventura dum futuro grande e radianse para seus fillos, modifica por completo o seu processo de vida, reconhecendo que era desumano, que era desigual o meio de que se servia para esquivar-se ao cumprimento do maior dever.

Jestea

CANDIDO DE SOUSA

Formado pela Escola de Lisboa
e com os cursos especiaes de Hygiene,
Oftalmologia e Bacteriologia

CLINICA GERAL OPERAÇÕES

Especialidades: Doenças
dos olhos, boca e dentes.
Dentes artificiaes.

CONSULTAS TODOS OS DIAS,
EXCETO AOS DOMINGOS

RUA DE SANTO ANTONIO, 6
FARO

MUNDO EM FORA

O sr. Presidente da Republica, que tem continuado a sua visita official a varios estabelecimentos do estado, visitou o Tribunal da Relação, o Posto Antropometrico, a Penitenciaria, a Tutoria da Infancia e a Escola de Reforma.

— O governo, ao que parece, não está disposto a deferir o pedido do grupo de liberaes que projectava instalar no antigo paço do Alfeite um grande colegio moderno.

— Os bandidos Valet e Garnier, de Paris, pericententes á famosa quadrilha dos automobilistas, foram caçados em Nogent-sur-Marne, pela policia franceza que lhes destruiu a casa por meio de dinamite, conseguindo apoderar-se dos malfeitores após um tiroteio de seis horas.

Os bandidos defendiam-se fazendo fogo com pistolas Browning.

Garnier morreu entre os escombros da casa e Valet ficou gravemente ferido.

Metidos em automoveis e transportados para Paris, Valet expirou pelo caninho.

Os cadaveres dos dois facinoras deram entrada no morgue.

— Faleceu em Stockolmo o insigne dramaturgo sueco Strinberg.

— Os srs. ministro do interior e da guerra e o sr. presidente da camera dos deputados visitaram a Escola Officina n.º 1.

— Faleceu em Hamburgo, Frederico VIII, rei da dinamarca.

— As forças de policia indigena mairaram em Tanriat-Hamed com uma bala no peito, El Mizzi-an, chefe dos rebeldes marroquinos.

Consta que nos ultimos combates, os moiros tiveram 80 mortos e 270 feridos.

O general Navarro ocupou a importante posição de Lulu-Kedur.

O general Murto com a columna do seu comando encontra-se na povoação de Hichalon, e o general Rodrigues ocupou as alturas de Tauriat Hamed e Ulad Ganen.

— Os embaixadores de França e Inglaterra conferenciaram largamente acerca do feliz resultado das negociações entabuladas entre os gabinetes de Londres e de Paris sobre o accordo franco marroquino.

— Realiza brevemente em Lisboa uma conferencia publica o dr. Magalhães Lima, como inicio de propaganda a favor da cremação dos cadaveres.

— Está completamente livre de perigo o audacioso aviador Vêdrines.

— O piloto aviador Echeman que evolucionava no aerodromo de Vile Samage, em Etampes, caiu de uns 40 metros, ficando em estado grave.

— Foi nomeado embaixador da Alemanha em Londres o barão de Marschall.

— Acompanhado de sua esposa, chegou a Lisboa o sr. Arakaira, novo ministro do Japão em Hespanha e Portugal.

— Os alunos da Escola de Belas Artes, do Porto, protestaram contra a decisão do Juri para o pensionato de arquitectura em Paris.

— O governo hespanhol convidou o governo portuguez a fazer-se representar no primeiro congresso official de taquigrafia, que por iniciativa da «Federação Taquigrafica Hespanhola» se relisará em Madrid de 26 de setembro a 2 de outubro, sob a patriocinio de Afonso XIII.

— O governo ingliêz deliberou remunerar os indevidos que destruissem maior numero de vespas e de moscas, insectos considerados nocivos e perigosissimos para a humanidade.

— De passagem para o Mediterraneo, estiveram hontem em Lisboa 176 touristes inglezes, que vieram no vapor *Avon*. Visitaram Cintra, Cascaes e o Estoril.

Noticias da instrução

Foi nomeada professora da escola mixta de Fontes Longeiras, Alcantarilla, a sr.ª D. Julia Maria Ferreira Cristina.

POR ESSE ALGARVE

Conceição de Faro

Queixam-se alguns vogaes da junta de paróquia d'esta freguezia de que n'uma correspondencia publicada no n.º 4 do *Heraldo* eram tratados de leigos em assumos paroquias.

Este qualificativo, que nada tem de offensivo, foi, todavia, maldosamente interpretado pelo professor da freguezia, que tratou de convencer os referidos vogaes de que a palavra leigos qualificava toda a junta de... selvagens.

Nada ha de mais injusto e cada vez mais nos aborrecem estes processos de fazer... politica.

Toda a gente sabe que a palavra leigo quer dizer não eclesiastico, ignorante; em qualquer das aceções que a tomassemos ficaria exprimindo a verdade e nem os membros da junta podem levar a mal que os consideremos leigos ou ignorantes em coisas de igreja visto que nenhum d'eles, ao que nos consta, fez tirocinio para padre ou sacristão.

O que é lamentavel é que haja individuos que para nada mais servem do que para acirrar odios, desculpando-se com a sua ignorancia para poderem a vontade maisinar quem lhes não dá importancia.

Se tivéssemos mais tempo, haviamos de abrir uma subscrição para a compra de um dicionario de portuguez que ofereceriamos ao professor da freguezia, grande amigo e defensor do prior Evaristo e já famoso na sua maneira de explicar a significação das palavras.

Queixa-se tambem o secretario e vogal da referida junta de que achando se o presidente no gozo da licença por 3 mezes, que ha pouco havia pedido, por ocasião do arrolamento dos bens paroquias, e apoderando-se do livro das atas que depois leu para casa, lavrou uma ata da sua apresentação e outra em que de combinação com o aludido professor pede uma escola para um dos extremos da freguezia, onde o dito presidente reside.

Tudo isto foi feito sem previa consulta da junta e com manifesto atropelo das attribuições do respectivo secretario o qual por esse, e outros motivos importantes vai pedir a sua demissão.

E' realmente lamentavel o que se está dando.

A idea da criação de uma escola no extremo da freguezia só lembraria ao diabo, se não tivesse lembrado ao licenciado presidente da junta e ao inconfundivel professor cá da freguezia!

Tudo isto seria muito comico se não implicasse directamente com os interesses d'este povo, que não pode estar á mercê de quantas arbitrariedades lha queiram fazer.

Não abandonaremos o assunto e como só dizemos verdades havemos de realizar o nosso fim, que consiste especialmente em arranjar para esta freguezia boas casas para escolas e... bons professores para ministrar o respectivo ensino.

DIA HISTORICO

18 de Maio:

1291 — Tomada de S. João de Acre pelos sarracenos.

1483 — Pedro de Vera descobre as ilhas Canárias.

1498 — Chegada de Vasco Gama a Calecute.

1636 — Os holandezes são expulsos da Bahia.

1804 — Napoleão é aclamado imperador dos francezes.

1822 — Iturbide é aclamado imperador do Mexico.

1910 — Passagem do cometa de Halei.

19 de Maio:

1536 — Execução de Ana Boleina.

1556 — Chegam a Lisboa os ossos de Afonso de Albuquerque, 40 anos depois da sua morte.

1798 — Partida da expedição franceza para o Egipto.

1863 — Extinção dos morgados em Portugal.

1802 — Instituição da Legião de Honra.

20 de Maio:

1357 — Morte de D. Afonso IV.

1449 — Batalha de Alfarrobeira, em que é morto o infante D. Pedro, tio de D. Afonso V.

1505 — Morte de Cristovam Colombo, em Valodolid.

1801 — Sitio de Campo Maior.

1831 — Morte de Lafayette.

1875 — Inauguração do caminho de ferro do Porto a Braga.

1910 — Funeraes de Eduardo VII, em Londres

21 de Maio:

1502 — Os portuguezes descobrem a ilha de Santa Helena.

1527 — Nasce Filipe II de Hespanha, filho de Carlos V e de Isabel.

1793 — Matança dos brancos e incendio do cabo em S. Domingos.

1688 — Nascimento do celebre poeta inglez Alexandre Pope.

VERSOS

A LUZ QUE VOLTA

Ja quando as azas puras
Bateste no ar dourado
E desceste do seio das estrelas,
Tinham-me as desventuras
De tal modo cançado,
Que já não tinha modo de sofrer-las.

Tocaste o chão agreste
E já não soffri mais,
E a dor que me perden, vi-a perdida:
Não sei d'onde vieste,
Não sei a onde vaes,
E levas na oza d'ouro a minha vida.

Talvez do ceo, amor,
Desceste á terra dura,
Para me vir mostrar que tudo passa:
Como é consolador
Lembrar, já na ventura,
As lagrimas choradas na desgraça!

Vi-te; alegrou-se o ar:
E tu, alma querida,
Por dar luz a nus olhos que te adoram,
Vies-te-me ensinar
Que devo ser na vida,
Porque chorei, conforto dos que choram.

Abrace a sua dor
Quem algum dia a tenha,
Porque tem nessa dor o ensinamento:
Para se dar valor
Ao bem, quando ele venha,
E' bom ter conhecido o sofrimento.

Amem do peito alguém,
Que sendo o amor perdido
Já tudo o mais é sol de pouca dura:
En hoje creio bem
Que, mais que em ser querido,
Está em bem querer toda a ventura.

E nunca desesperem;
Tem cura todo o mal
Menos o mal da morte, que não passa:
Aqueles que sofrem,
Se o mal não for mortal,
Vão-se purificando na desgraça.

Tratem os pobres bem
E os tristes com piedade;
Deus creou as estrelas e os abrolhos,
Que é para que também
Alguem, por caridade,
Sobre o leito mortal lhes foche os olhos,

E tu, alma celeste,
Que por tão brando geito
Das estrelas á terra te partiste,
—Sóbe da terra agreste,
Guarda-me no teu peito,
Senão, nos dedos d'ouro, esta alma triste!

Julio Dantas.

CARTEIRA

Fazem anos:

Hoje, 18—D. Emilia de Sousa Costa, D. Laurinda Helen e Guimarães, D. Maria Rita da Silva Monteiro, D. Isabel Alexandrina Barbosa, Desiderio Venancio Peres, Manuel Monteiro Mota Mascarenhas, Joaquim Bernardo Ferreira, Pedro Tenorio Guerreiro e a menina Leopoldina Alves Moreira.

Domingo, 19—D. Carlota Leite Bastos, D. Antonia Sant'Ana Cabrita, D. Justina Paulo Gomes, D. Francisca dos Anjos Salvador, Antonin Miguel Dias, Alvaro da Costa Pinheiro, Alfredo Batista Pinto e João Aurelio da Silveira.

Segunda, 20—D. Laura Silverio do O, D. Virginia Moreira da Silva, D. Teuza de Oliveira Parreira, D. Mariana Murta Vellozo, Antonio Pedro Perdigão, Bento Antonio Pinheiro, Miguel Vicente das Chagas e Amílcar de Sousa Faisca.

Terça, 21—D. Maria Florelia Santos, D. Antonia do Carmo Silva, D. Alice Judice Samora

Pimentel, D. Monica Chagas, D. Manuela Helena Pacheco, Eduardo Fernandes Melo, Antonio José Guimarães e Eleuterio do Carmo Lopes.

Animatografos:

Sempre admiráveis as sessões que a empresa Lima proporciona aos frequentadores do teatro Ciro. Espectaculos barbaescos e de bom gosto, como raras os temos visto aguar. As hermanas Puchol, que fizeram a sua estreia na quinta feira, apresentaram-se belamente, executando numeros de primeiraissima ordem. Encantadoras artistas, que elas são, e acaso haverá quem deixe de ver hermanas Puchol?

Necrologia:

Falleceu hontem o sr. Manuel Gago Senior, proprietario e capitista da freguezia de Santa Barbara de Nexe. Deixa filhos e netos. Fez testamento e legou um conto de reis para ser distribuido pelos pobres.

NOTICIARIO

Acompanhado do capitão ajudante sr. João Estevam Aguas, vimos n'esta cidade, de visita ao 3.º batalhão, o sr. tenente coronel Luiz Augusto Nunes, comandante de infantaria 4.

— Chegou de Montemor-o-Novo o sr. Francisco Martins Caiado.

— Veiu de Lisboa o sr. Paulino de Andrade, governador civil d'este distrito.

— Já estão em Lisboa, vindos de Ultramar, o sr. Pedro Madeira e sua esposa, a sr.ª D. Maria Aboim.

— Regressou ao Pará o comerciante sr. Manuel Dias da Silva Barbosa, cunhado do sr. Lyster Franco, director d'este bi-semanario.

— Vieram na quarta feira a esta cidade os srs. Joaquim Mendes e sua estremosa filha Maria de Brito Pinto, e mais os srs. José da Encarnação Vieira Junior, Antonio Joaquim Rafael, Antonio Rodrigues Carrusca e José Vicente de Brito, abastados proprietarios de Santa Barbara de Nexe.

— Voltaram hontem de Lisboa, os srs. Alvaro Chrispim de Sousa e João da Fonseca Alexandre.

— Partiu para Beja o sr. Visconde de Estoi.

— Chegou de Távira o sr. Alfe-Primo.

— Vimos na estação, vindos de Távira e de passagem para Lisboa o sr. dr. Primo do Nascimento Frazão, com sua esposa, mãe e cunhada, e a sr.ª D. Emilia Xavier Dias, acompanhada de sua filha.

— A fim de tomar posse do cargo de auditor administrativo, deve chegar brevemente a esta cidade o sr. dr. Tavares da Silva, secretario do ministro do interior.

— O vapor *Vulcano* entrou quarta feira no porto de Lisboa, procedente da bahia de Lagos.

— O chefe do distrito conferenciou em Lisboa com o ministro do fomento, no sentido de se construir o ramal do caminho de ferro de Lagos a Portimão.

— O comandante da canhoneira *Lagos* enviou ao ministerio da marinha os autos de apreçamento de nove galeões hespanhoes que foram encontrados a pescar dentro das nossas aguas territoriaes. O mesmo comandante é de parecer que o serviço da fiscalisação de pesca deve ser feito por vapores com a velocidade media de 10 milhas, pelo menos, visto que muitas embarcações hespanholas que são vistas a pescar dentro das nossas aguas, conseguem com a sua velocidade fugir aos nossos navios, especialmente á canhoneira *Lagos*, cuja velocidade é pequena.

— Foi nomeado director dos Caminhos de ferro do Sul e Sueste o sr. Artur Mendes.

— Vae ser nomeado adjunto da 2.ª secção da maioria general da armada o 2.º tenente sr. Manuel Alberto Soares.

— Já regressou a Lisboa, terminando assim a viagem de instrução de guarda marinhas o cruzador *Vasco da Gama*, que se demorou alguns dias na bahia de Lagos, onde realisoou com o vapor *Vulcano* varios exercicios de torpedos.

ARTUR CANDIDO DE JESUS

Solicitador

Largo Ferreira de Almeida

FARO

FILOSOFIA PRATICA

PENSAMENTOS

Se o que é injusto se não deve fazer de moto proprio, muito menos de vontade alheia.

Trueba.

— Não ha homem superior que não tenha certos caracteristicos da mais pura inferioridade.

Urbach.

— Quando se proíbe absolutamente a uma nação o servir-se da pena, é de temer que ela não faça uso senão do ferro e do fogo.

Vieira.

— Deixemos aos avaros o afan do ouro, e aos ambiciosos o afan do poder.

Wiler.

— A luz é a alegria. Até os barbaes a adoram.

Xenofonte.

— Não ha nada mais importante para o presente do que a lição do passado.

Young.

— A mulher é um livro cujas erratas fazem tanto volume como o texto.

Zola.

PERFUMARIA
PERFUMARIA
PERFUMARIA
NA FARMACIA
A. F. ALEXANDRE
PRAÇA D. FRANCISCO GOMES - FARO

CREADA

De meia idade, para cosinha e outros serviços, precisa-se em casa do dr. Delegado de Faro. Não se faz questão de ordenado.

TIPOGRAFOS

Precisam-se na «Tipografia Democratica»—Rua 1º de Dezembro, nos 21 a 27 Faro.

MINISTERIO DA MARINHA

Esquadilha Fiscal da Costa

Conselho Administrativo

O Conselho Administrativo da Esquadilha Fiscal da Costa faz publico que, no dia 3 de junho do corrente ano, pelas 13 horas, na sede da Esquadilha Fiscal em Faro, perante o mesmo conselho se procederá á arrematação de mantimentos, aguada, medicamentos, combustivel, concertos de calçado e artigos de limpeza, iluminação, expediente, pintura etc. julgados necessários para o consumo da *Corveta Duque de Palmela*, navios da Esquadilha Fiscal e outros do Estado ou ao serviço do Estado, que passem ou estacionem em Faro durante o proximo ano economico.

As propostas devem ser quatro: uma para mantimentos, agua, lenha e carvão, uma para medicamentos, uma para artigos diversos e uma para concertos de calçado, com os depositos provisórios respectivamente de 500000 reis, 200000 reis, 500000 reis e 200000 reis.

As propostas devem ser entregues em carta fechada e lacrada na sede da Esquadilha até as 13 horas do dia 3 de junho, acompanhadas do deposito provisório.

As condições da arrematação acham-se patentes na sede da Esquadilha todos os dias uteis, das 11 ás 16 horas,

Esquadilha Fiscal da Costa em Faro, 15 de maio de 1912.

O Secretario.

Francisco da Silva Junior.

Arrematação

No dia 19 do mez corrente, pelas doze horas, á porta do tribunal judicial d'esta cidade, se hade pôr pela segunda vez em praça, visto não ter tido lançador na primeira, e pela quantia de 350000 reis, metade da avaliação, o direito que o fali-do Jozefredo Gonçalves Rolão tem a sete partes de duzentos e cincoenta, em uma morada de casas nobres na rua Rasquinho, freguezia da Sé, d'esta mesma cidade, que se compõe de altos e baixos, quintal e mais dependencias.

Por este mesmo anuncio ficam citados quaesquer credores incertos para assistirem, querendo, á arrematação.

Faro, 13 de maio de 1912.

O Escrivão

José Joaquim Peres

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Dias Ferreira.



É TÃO FACIL CONSERVAR-SE DE SAUDE!

Se conseguirdes o remédio proprio para o caso, e o applicardes promptamente, evitaes que a molestia se torne mais séria do que o necessario. Tomando immediatamente o caminho para a cura, claro está que vos poupaes muito soffrimento e incommodo, alem de despesa inevitavel ao tratamento. Tomae, por exemplo, o abatimento que se segue a uma febre. Tratado devidamente no seu principio, podeis sustentar o cural-o, quando, com um tratamento errado, vae de mal para peor.

Eis aqui um caso que o comprova:

Tendo adoecido com as

febres infecciosas,

minha filha Maria Caetana, de 3 annos de idade, depois de ellas terem desaparecido, ficou muito fraca. Foi-me aconselhada para seu restabelecimento a

Emulsão de SCOTT,

sendo certo que se acha completamente

restabelecida

do estado de fraqueza em que se encontrava; está forte, tem boas côres e come com appetite, tudo devido á Emulsão de Scott. (a) Domingos José Soares, Távira, 25 de Fevereiro de 1910, Rua da Borda d'Agua de Aguiar.

A cura propria, em todos os casos de abatimento, a mais rapida e a melhor, está na Emulsão de Scott. Se qualquer pessoa da vossa familia soffre de abatimento, procure a Emulsão de Scott, que é sempre o que o vosso medico aconselha quando é consultado. Se fizerdes uso da Emulsão de Scott, resultará d'ahi a cura do vosso abatimento; mas tem de ser a Emulsão de Scott, visto que não ha outro preparado que tenha um archivo de curas comparavel com o que a Emulsão de Scott tem registado em todos os paizes civilizados. Se padecerdes de abatimento, procure hoje mesmo a Emulsão de Scott. Esta Emulsão cura o abatimento sendo tomada promptamente, em qualquer epocha da vida. Cura-o nos novos, nos velhos e nos de meia idade.

NOTA: Apesar do Imposto de Sello de 50 reis por cada frasco, todas as Pharmacias e Drogharias vendem a Emulsão de SCOTT aos preços antigos, a saber: 500 reis meio frasco e 900 reis frasco grande. AMOSTRA gratuita, contra 200 reis para franquia, obtem-se dos Srs. James Cassels & Cia., Succs., Rua do Mouzinho da Silveira, 85, 1.º Porto. Exibir sempre a Emulsão com a marca — o homem do peixe — que significa o processo SCOTT.



